

A POÉTICA DOS ACIDENTES PREMEDITADOS

Era uma manhã ensolarada e fria, começo da semana mas último dia do mês de setembro, quando visitei a casa- ateliê de Talita Esquivel e fui apresentada para as telas em formato de painel, algumas com tamanho de 140 X 140 cm e outras com variações retangulares próximas desta medida. Reconhecendo os procedimentos fotográficos que antecedem às pinturas, destacava-se logo o fato de que foram executadas num tamanho que impede um efeito meramente hiper-real, onde o que emerge é apenas uma espécie de pintura documental da fotografia. Ao contrário, o que estes trabalhos parecem apontar é que aquilo que foi outrora fotografado está passado e perdido, sendo que o que resta é apenas a potencialidade dos efeitos da sensação, produzidos pelo uso habilidoso dos pigmentos e sobreposição das diversas camadas de tinta. Assim, as cores de pele e carne, além das variações tonais do sangue, ampliam os gestos contidos nas cenas de corte, inflamação, sutura, chupada, espremida, remendo, amasso, inchaço. Enfim, pequenos acidentes e mutilações cotidianas ou contingências que inscrevem a violência como parte integrante da ordem natural dos acontecimentos.

Todavia, não se espere que estas cenas estejam garantidas por um sentido de obviedade, pois para serem reconhecidas elas exigem um esforço do espectador no sentido de acertar uma distância, nem muito próxima para obliterar a ilusão visual que permite reconhecer na tela o acontecimento que ela encena; nem muito longe para anestesiar o desconforto ou o risível produzido pela dramaturgia pictórica. Alcançada esta proporção, a imagem se revela não apenas como um pêndulo que possibilita movimentar o olhar para um dentro e fora do quadro, e nem somente como um entre-lugar entre a matéria plástica e o corpo de que se depara com ela; mas como um lance de ambigüidade que dispara, no mesmo instante, uma repulsa e um fascínio produzidos pelas formas desproporcionais, deformadas e disformes ou pelos gestos grosseiros e inusitados que lançam o espectador no território das sensibilidades perturbadoras e das afecções inclassificáveis que só podem ser reconhecidas por meio da estranha combinação entre riso e espanto.

Tampouco, não se espere que ali surja apenas mais uma poética da dor e da morte. Os corpos que emergem desconstroem os retratos, não somente porque os rostos estão ausentes e destituídos de subjetividade em proveito de fragmentos ampliados, ângulos inusitados ou presença de marcas, pregas e pêlos, como também congelam um determinado acontecimento, de modo que a cena se torna a própria protagonista da pintura. É quando a evidência figural destaca uma boca que roe a unha do dedinho do pé ou a mucosa bucal surge escancarada enquanto é perscrutada por uma lupa-espelho odontológica; propositadamente confunde um braço tatuado que continua na cabeleira medusante da axila ou um rosto de bebê mamando destaca um seio cuja forma parece se prolongar numa pose ginecológica. Semelhante figurabilidade devassa premeditadamente um tronco obeso que acaricia suas curvas, os remendos de um torso feminino que se ergue algum tempo depois da cirurgia plástica ou fetos de gêmeos siameses que repousam espremidos e costurados como se tivessem sido guardados depois de um estudo anatômico. Ao mesmo tempo que não é a ação de alguém especificamente, ferir a cutícula, tocar as dobras do corpo, ter a carne remendada, expor a boca ao exame são acontecimentos que podem ser tanto testemunhados como experimentados por qualquer um, restando nesta ordinariedade uma demasia que interroga com irreverência as particularidades humanas.